

# Arquitetura e Urbanismo: Forma, Espaço e Design

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Jeanine Mafra Migliorini  
(Organizadora)

# Arquitetura e Urbanismo: Forma, Espaço e Design

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A772	Arquitetura e urbanismo: forma, espaço e design [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-615-7 DOI 10.22533/at.ed.157190509  1. Arquitetura. 2. Desenho (Projetos). 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.  CDD 720
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Discutir Arquitetura e Urbanismo é trazer à tona uma realidade cotidiana, é abordar a relação entre homem e espaço. Esta por sua vez, impacta diretamente na qualidade de vida das pessoas. Por isso pesquisar sobre Arquitetura e Urbanismo é abrir um leque de infinitas possibilidades de abordagem, que pode ser a arquitetura enquanto construção, o patrimônio, a cidade, os parques, as políticas de habitação, enfim, temas que parecem desconectados, mas que, na realidade, possuem uma ligação primordial: o espaço habitado pelo homem.

É em busca de qualidade desse espaço vivido que os artigos deste livro se conectam. O espaço construído é discutido enquanto verticalização e também patrimônio, as políticas de habitação e seus impactos na urbanização; o espaço aberto aparece nas discussões acerca dos parques e patrimônio natural. Os relatos aqui apresentados oportunizam reflexões sobre o urbano, sua segregação, sua degradação, suas inclusões e exclusões, e vislumbram um horizonte de possibilidades para nossos espaços.

A relevância de trazer à tona discussões atualizadas para nossos espaços, faz deste *e-book* uma contribuição efetiva para diversas áreas que estudam o espaço e sua relação com o homem, disseminando visões acerca desses conhecimentos.

Jeanine Mafra Migliorini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ARRANHA-CÉU NO SÉCULO XXI: SENTIDO DE CHEGADA E O SENTIDO DE LUGAR. O CASO DO LEADENHALL BUILDING	
Luís Henrique Bueno Villanova	
DOI 10.22533/at.ed.1571905091	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
PARQUES LINEARES COMO ELEMENTOS DE CONEXÃO: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DA COBERTURA VEGETAL	
Gisele Aparecida Nogueira Yallouz	
Bruno Silva Ferreira	
Fabiany Sampaio Bertucci Tavares	
Jussara Maria Basso	
DOI 10.22533/at.ed.1571905092	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A PAISAGEM DA BAIÁ DA GUANABARA: PATRIMÔNIO, SEGREGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	
Leonardo Marques de Mesentier	
Evelyn Furquim Werneck Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1571905093	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E ECONOMIA CRIATIVA   CONVERGÊNCIAS	
Elisabete Barbosa Castanheira	
DOI 10.22533/at.ed.1571905094	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
AS JANELAS QUEBRADAS NO QUARTO DISTRITO DE PORTO ALEGRE	
Daniel Barreto Dillenburg	
Marina Machado Dillenburg	
DOI 10.22533/at.ed.1571905095	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
FRAGMENTOS URBANOS: SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM UBERLÂNDIA/MG	
Guilherme Augusto Soares da Motta	
DOI 10.22533/at.ed.1571905096	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
O MINHA CASA MINHA VIDA “EMPRESAS” NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA ANÁLISE DO CONJUNTO HABITACIONAL “TEOTÔNIO VILELA – PIRACICABA”	
Marcelo Álvares de Lima Depieri	
DOI 10.22533/at.ed.1571905097	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>91</b>
ANÁLISE DA VIABILIDADE AMBIENTAL DA CONSTRUÇÃO DE FOSSAS SÉPTICAS DE PNEUS DE DESCARTE EM ÁREAS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ - MG	
Bruna Horta Bastos Kuffner	
Claudio Marcelino de Toledo	
Demarcus Werdine	
José Maurício Pereira dos Santos	
Leyde Kelly Miranda	
Maira de Mendonça	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1571905098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
AUTENTICIDADE EM RISCO ONDE ESTA O ARCO? O GATO COMEU!	
Eder Donizete da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1571905099</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>120</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>121</b>

## AS JANELAS QUEBRADAS NO QUARTO DISTRITO DE PORTO ALEGRE

### Daniel Barreto Dillenburg

Mestre em Arquitetura e Urbanismo – Uniritter/  
Mackenzie Doutorando pelo PROPAR/ UFRGS  
(Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em  
Arquitetura) Porto Alegre- RS

### Marina Machado Dillenburg

Mestre em Ciências Criminais – PUCRS  
Porto Alegre- RS

**RESUMO:** As grandes cidades brasileiras, principalmente as capitais, sofrem cada vez mais com problemas relacionados à falta de segurança. Nesse cenário, temos Porto Alegre como exemplo emblemático e com índices de criminalidade cada vez maiores. O objetivo do presente trabalho é refletir sobre como as propostas urbanas, principalmente as voltadas às intervenções no patrimônio e nas antigas zonas industriais degradadas, podem influenciar diretamente na melhoria dessas condições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intervenção. Regeneração. Teoria das Janelas Quebradas.

### BROKEN WINDOWS IN THE FOURTH DISTRICT OF PORTO ALEGRE

**ABSTRACT:** The great Brazilian cities, mainly the capitals, suffer more and more with problems related to the lack of security. In this scenario, we have Porto Alegre as an emblematic example

and with increasing crime rates. The objective of the present study is to reflect on how the urban proposals, especially those directed to interventions in the patrimony and in the old degraded industrial zones, can influence directly in the improvement of these conditions.

**KEYWORDS:** Urban intervention. Regeneration. Broken Windows Theory

### 1 | INTRODUÇÃO

Em outros tempos, Porto Alegre já foi sinônimo de qualidade de vida entre as capitais brasileiras. Hoje, com o constante aumento da criminalidade e falta de segurança, a realidade é bem diferente. A violência está praticamente em todos os lugares, não fazendo distinção entre classes sociais, de modo que a própria sociedade é que sofre as consequências.

Nesse contexto, a população acaba buscando refúgio em locais que julgam seguros, como shopping-centers e condomínios fechados. Também, é recorrente a discussão sobre o cercamento de espaços públicos devido à insegurança desses. Ironicamente, a coletividade acaba por optar a viver atrás das grades, em lugares totalmente segregados da ambiência urbana.

Assim, de forma a combater o medo que impera na cidade, as autoridades buscam



suporte em medidas apenas paliativas como, por exemplo, o policiamento ostensivo. Isso apenas ameniza o problema a curto prazo, porém não resolve na sua totalidade. Existem teorias e práticas que serão analisadas aqui, fundamentais ao bom entendimento dessa problemática e que possam servir de catalizadores para uma melhor urbanidade.

A intervenção no patrimônio e principalmente, nas antigas zonas industriais, traz consequências extremamente positivas na busca dessa condição. Conforme o urbanista catalão Oriol Bohigas, isso gera uma “metástase positiva”, que não se reflete apenas na arquitetura, mas também na delicada questão da segurança. Cria-se uma reação em cadeia de regeneração urbana que acaba se replicando e transformando as cidades.

Para a abordagem dessa temática, serão brevemente analisadas as teorias de Jane Jacobs e de Jan Gehl, ambas no campo do urbanismo e, no âmbito da criminologia, a “Teoria das Janelas Quebradas” de George L. Kelling e James Q. Wilson. Mesmo sendo áreas distintas, possuem paralelos que enriquecem a reflexão acerca de um tema tão pertinente e atual. Por fim, para fundamentar com um exemplo real de intervenção, foi escolhido o projeto Vila Flores que revitalizou uma área degradada no Quarto Distrito, em Porto Alegre.

## 2 | A NECESSIDADE DE INTERVENÇÃO

A degradação das áreas industriais é um problema recorrente nas grandes cidades e em Porto Alegre não é diferente. Localizado em um local estratégico, o chamado Quarto Distrito (Fig.1), é bem próximo ao Centro Histórico e aos bairros mais nobres, porém sofre com o esvaziamento e o uso indevido das edificações. Símbolos do auge de uma era industrial, afora algumas intervenções isoladas, as tipologias dessa zona se tornaram “vítimas” da ação do tempo e do homem.



Figura 01: Quarto Distrito destacado em vermelho.

Fonte: Google Earth

Nesse cenário, é iminente buscar soluções que requalifiquem e regenerem esses locais outrora tão importantes para o desenvolvimento da metrópole. Essa degeneração pode causar impactos bastante negativos, tanto no âmbito da segurança pública, quanto na perda da identidade do local, conforme afirma Beatriz Kühl:

[...]. É necessário buscar o restabelecimento dos vínculos das comunidades com seus monumentos, para que sejam entendidos como aquilo que deveriam ser: elementos portantes da memória coletiva. Memória que deve ser percebida não como algo estático e alijado do presente e do cotidiano das pessoas, mas como elemento essencial de percepção da realidade e importante meio propulsor de modificações. (2009, p.125).

E complementa:

[...]. O homem, destruindo ou degradando os monumentos históricos, deturpa e destrói a própria memória e história. Apaga suas raízes, deforma as lições deixadas pelo passado. Condena-se a nunca ir além do empirismo, a repetir os próprios passos, erros e acertos, sem jamais consolidar pontos de referência. Apaga traços da própria vida e as chances de construir um futuro melhor. [...]. Uma sociedade que deturpa ou destrói sua cultura e sua memória destrói instrumentos que são seus próprios meios de expressão como seres vivos, com incidências sobre a memória individual e coletiva, podendo gerar enormes problemas. (2009, p.126).

Assim, essa destruição da memória vai sendo gradativa e pode ser irreversível caso não se crie uma boa ambiência urbana. A Avenida Farrapos e a Rua Voluntários da Pátria, por exemplo, são duas das principais vias do Quarto Distrito e ambas são notórias por serem zonas de prostituição e consumo de drogas. Essa marginalização é uma grave consequência da perda da identidade do local.

Para entender melhor esse processo de degradação, é pertinente lembrar da teoria das janelas quebradas de 1982, dos autores George L. Kelling e James Q. Wilson. No caso, “se uma janela de um prédio é quebrada e não substituída, logo todas as outras restantes serão destruídas.” Dessa forma, vai se criando um ambiente desfavorável e propício à criminalidade.

Quando uma propriedade é abandonada, ervas-daninhas crescem, uma janela é quebrada. Adultos param de repreender crianças barulhentas, que encorajadas, ficam mais barulhentas. Famílias vão embora, no lugar entram adultos não comprometidos. Adolescentes se reúnem em frente à loja da esquina. O dono pede para saírem, eles se recusam. Brigas ocorrem. As pessoas começam a beber em frente à loja de conveniências, logo um bêbado cai na calçada e é permitido que durma ali mesmo. Pedestres são assolados por mendigos e pedintes. Neste ponto, não é inevitável que a criminalidade grave irá florescer ou ataques violentos contra estranhos irão ocorrer. Mas muitos moradores vão pensar que o crime, especialmente crimes violentos, estão em ascensão e eles vão modificar seu comportamento gradativamente. Eles vão usar as ruas com menos frequência e [...] caminhar cuidadosamente com passos apressados. (1982, p.3).

Esse fenômeno fica bem explícito no depoimento anônimo de um morador do bairro Floresta, um dos mais tradicionais do Quarto Distrito.

Moradores de ruas e avenidas como Farrapos, Garibaldi, Santo Antônio, Gaspar Martins, Ramiro Barcelos, Pelotas, Comendador Azevedo, Hoffmann, 7 de abril, Cância Gomes, Almirante Barroso, São Carlos, Santos Dumont, Paraíba, Álvaro Chaves, dentre outras, enfrentam problemas relacionados à prostituição

diariamente. Profissionais do sexo fazem algazarras e ponto em portas de edifícios e residências particulares, sem serem intimidados. Além do afronto e usarem roupas curtas demais, quando as usam, pois nos dias de calor, muitos ficam sem a parte de cima de biquínis e sutiãs, com partes íntimas à mostra. Nossas ruas e portas amanhecem cheias de garrafas de bebidas, preservativos, o forte cheiro de urina e quando saímos para trabalhar, nos deparamos com fezes.

Infelizmente, essa é a realidade dessa área da capital que apesar de tudo, ainda tem um enorme potencial para diversas intervenções que não se limitam somente à restauração dos imóveis deteriorados. Nessa busca por condições favoráveis de urbanidade, a segurança é fundamental para um cenário ideal. Entretanto, existem ações que não dependem somente das autoridades para isso ocorrer, mas sim da própria comunidade.

Segundo Jan Gehl (2013, p.91), “sentir-se seguro é crucial para que as pessoas abracem o espaço urbano. Em geral, a vida e as próprias pessoas tornam a cidade mais convidativa e segura, seja em termos de segurança percebida ou vivenciada.” Sobre essa questão, Jane Jacobs afirma:

[...] devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixa-la cega. (2000, p.35-36).

Dessa maneira, os térreos dos prédios são fundamentais para a diminuição da sensação de insegurança. Ao estarem mais próximo ao nível dos olhos promovem uma interação e animação das fachadas em quem transita a pé pelas ruas. Da mesma forma, a multifuncionalidade de usos cria uma intensa movimentação nas mais variadas horas do dia e da noite, contribuindo nesse conceito de cidade viva. De acordo com Gehl:

O projeto das áreas térreas das edificações tem um impacto imenso sobre a vida e o apelo ao espaço urbano. Os térreos são aquilo que vemos quando passamos pela frente das edificações. [...]. Se os térreos forem agradáveis, suaves e, em especial, ocupados por usuários, os pedestres estão cercados por atividade humana. Mesmo à noite, quando pouca coisa acontece nos cafés e nos recuos frontais, o mobiliário urbano, as flores, as bicicletas estacionadas e os brinquedos esquecidos constituem-se em testemunho reconfortante da vida e da proximidade com outras pessoas. À noite, a luz das janelas e vitrines das lojas, escritórios e moradias, ajuda a aumentar a sensação de segurança nas ruas. (2013, p.99).

Assim, o próprio cidadão, o comerciante, o transeunte e as próprias fachadas dos prédios são peças fundamentais para essa “vigilância”. São os “olhos da rua”, e quando se cria esse sentimento de segurança, o policiamento ostensivo é cada vez menos necessário. A vida vai surgindo novamente nos espaços, transformando-os em lugares de urbanidade.



Figura 02: Fachadas sem “olhos” para a rua, na Voluntários da Pátria.

Fonte: Google Street View

Os conceitos acima abordados são possivelmente aplicáveis às áreas degradadas do Quarto Distrito, inclusive nas tipologias das fábricas e armazéns que em muitos casos, já estão praticamente só na “casca” da edificação. Mesmo que não se faça uma ação global, pequenas intervenções podem servir como exemplos e âncoras para ambições maiores. É o que veremos no próximo tópico com uma análise do projeto Vila Flores, representante gaúcho na Bienal de Arquitetura de Veneza de 2016.

### 3 | O PROJETO VILA FLORES

Localizada no bairro Floresta, a Associação Cultural Vila Flores é um ótimo exemplo de requalificação de um espaço praticamente abandonado. Originalmente construído como casas de aluguel, entre 1925 e 1928, hoje o complexo abriga diversos núcleos de economia criativa voltadas para a arte, cultura, educação e geração de negócios. É obra de um arquiteto com produção bastante importante na capital gaúcha, José Franz Seraph Lutzenberger.

O Quarto Distrito vem se destacando em Porto Alegre nos últimos anos como a zona criativa da capital e o Projeto Vila Flores tem um papel bastante relevante nesse processo. Localizado em uma esquina entre as ruas Hoffmann e São Carlos, consiste em dois casarios residenciais e um galpão que se conectam por um pátio interno. Os apartamentos possuíam frente para a rua e para o átrio e o projeto original foi um dos pioneiros na concepção de habitações mais verticalizadas. Essa disposição para a via contribuiu bastante para a readaptação do projeto original, transformando os térreos em fachadas ativas e criando maior sensação de segurança pois muitos desses são utilizados por tipologias comerciais, como escritórios e ateliês.



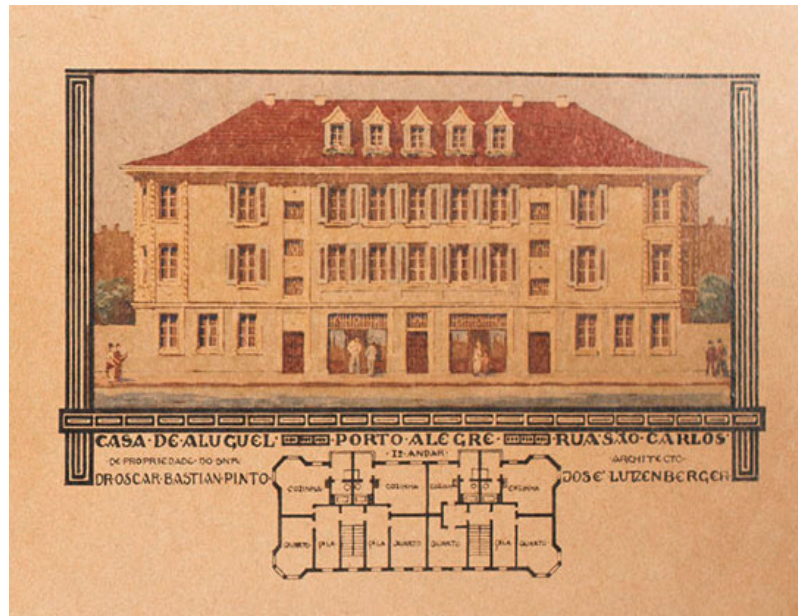


Figura 03: Livreto sobre o projeto de Lutzenberger.

Fonte: < <http://gomaoficina.com/arquitetura/vila-flores/> >

Em 2010, as edificações já estavam ocupadas de forma irregular e boa parte das janelas já estavam quebradas. O processo de degradação estava atingindo o auge e a necessidade de intervenção era iminente. Mesmo sendo um bairro com a má fama de possuir algumas casas de prostituição, alguns fatores positivos já estavam ocorrendo no local, como a instalação de um *hostel* internacional bem próximo ao Vila Flores.



Figura 04: Degradação dos casarios.

Fonte: < <https://urbsnova.wordpress.com/vilaflores/> >

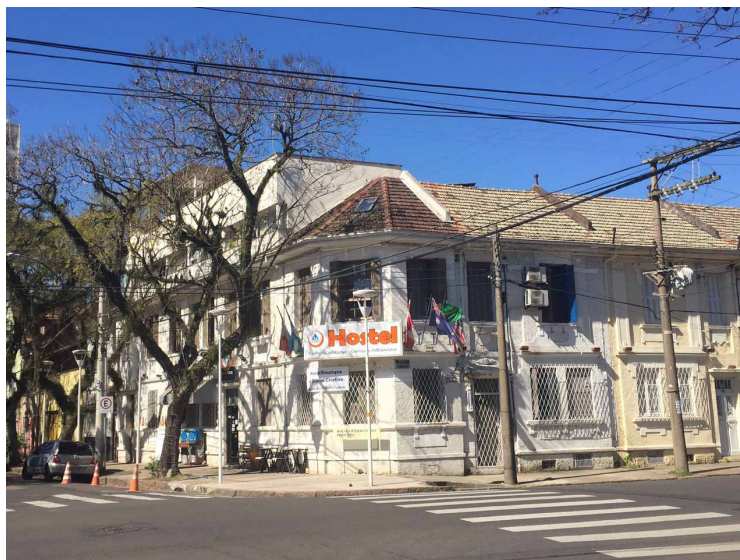


Figura 05: Hostel Boutique Internacional.

Fonte: Dos autores.

Assim, criou-se um forte sentimento de vizinhança e comunidade no intuito de reverter essas condições desfavoráveis e de consolidar de vez o Quarto Distrito como polo criativo da capital. Além de grupos de moradores comprometidos na revitalização do bairro, o mundo acadêmico também voltou os olhos para essa área e uma equipe de arquitetos se mobilizou na idealização dessas propostas. Segundo Antonia Wallig e Lucas Sielski, funcionou assim:

Um extenso trabalho foi desempenhado pela equipe de arquitetos da Goma oficina para que a estrutura já tão descuidada pudesse sediar novamente encontros. Mapeamento das estruturas, retirada de muitas caçambas de entulho e reforma estrutural do telhado, que deixava passar a chuva, deteriorando ainda mais a construção. Descobriu-se que muitos trabalhos acadêmicos já haviam sido propostos com base nestas edificações. O contato com os professores do curso de arquitetura da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul foi de grande serventia para compreender a realidade atual do conjunto e a sua importância para a cidade. Tendo mapeada a estrutura e história dos edifícios e também a realidade sócio econômica e histórico cultural da região foi desenvolvido um projeto de reabilitação, prevendo uma ocupação de uso misto e contemporâneo: o galpão torna-se um centro cultural com diversas possibilidades de uso como anfiteatro, espaço para exposições, eventos, palestras e cursos; o pátio interno se configura como um passeio público ou praça, um espaço de convívio aberto; um dos prédios será internamente remodelado para abrigar estúdios, ateliês e oficinas e o outro prédio será readequado para residências artísticas transitórias. A fachada se mantém integralmente preservada e apenas serão anexadas à estrutura original outras estruturas “parasitas”, que preveem a passagem do sistema hidráulico, elétrico e de águas sujas. O projeto também inclui o uso de placas solares para energia e o reaproveitamento de água da chuva e de águas cinzas.

Paralelo a isso, iniciou-se um processo de retirada e realocação dos moradores do local que estava em péssimas condições para moradia. O projeto respeita a obra original e inclusive, tira proveito de algumas ruínas existentes, fazendo uma intervenção pontual que restabelece a integridade estrutural das edificações e as condições básicas para ocupação. Ainda estão previstas moradias provisórias,

aumentando ainda mais a versatilidade da proposta.

O pátio central vira protagonista e nele acontecem feiras e eventos abertos ao público. O interior se integra ao exterior de forma convidativa pois é quase inevitável passear pelas redondezas e adentrar nesse lugar de efervescência criativa e intensa atividade social. Mesmo sendo um pequeno acesso, estimula a curiosidade de se saber o que está acontecendo lá dentro, funcionando como uma espécie de *villa* romana. Cria-se um cenário de cidade viva, conforme Gehl:

A cidade viva emite sinais amistosos e acolhedores com a promessa de interação social. Por si só, a simples presença de outras pessoas sinaliza quais lugares valem a pena. Um teatro lotado e um teatro quase vazio enviam duas mensagens completamente diferentes. Um assinala a expectativa de uma agradável experiência comum. O outro, que algo está errado. (2013, p.63)

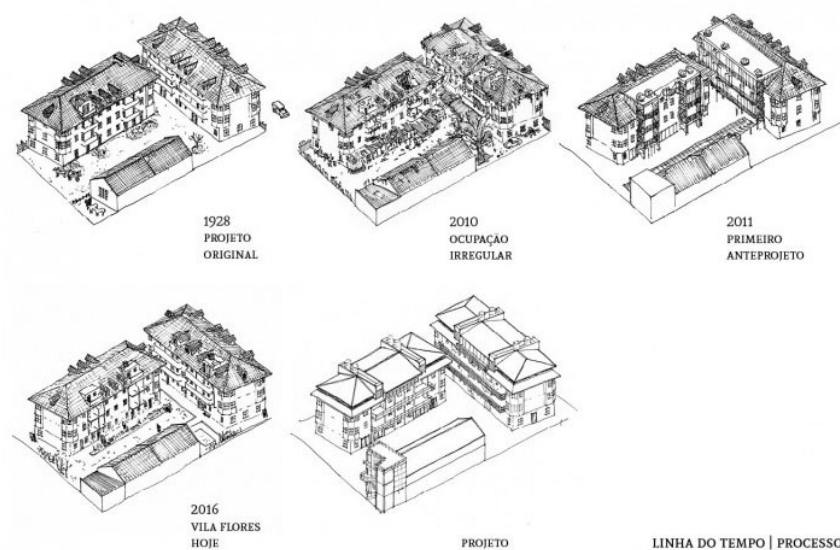


Figura 06: Linha do tempo do projeto.

Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/16.184/6015?page=1>>

Contudo, mais do que o restauro da obra de Lutzenberger, o mais importante é a retomada da urbanidade do local em um projeto em que a coletividade é devidamente exaltada. Com isso, resgatam-se valores de vizinhança, em que todos cuidam do que é do interesse de todos, sempre com olhos voltados para a rua. Nesse sentido, a multifuncionalidade de usos foi fundamental para a construção desse cenário em que ambientes de aprendizado, escritórios e ateliês dividem o espaço em uma constante rede de trocas de experiências.

A Associação Cultural Vila Flores é uma associação sem fins lucrativos, existente desde 2013 e formalizada em 2014. É a entidade responsável pela programação cultural do espaço e pela articulação junto ao poder público, à iniciativa privada e à sociedade em prol dos interesses da comunidade artística e criativa do Vila Flores, buscando promover a integração com a comunidade do entorno.

Retomada a ambiência urbana, cada visita aos casarios é uma surpresa e diversos eventos culturais acontecem lá. Instalações artísticas ultrapassam os limites



do complexo e ganham a rua trazendo curiosidade aos transeuntes e visitantes. E mesmo sendo apenas o começo de uma regeneração mais global na antiga zona industrial, o Vila Flores é um exemplo sólido de que é possível reverter certas situações de degradação de patrimônio. Nesse sentido, traz uma visão otimista de que não só janelas serão substituídas, mas sim toda uma reutilização dessas áreas obsoletas aos tempos atuais.



Figuras 07 e 08: Instalações artísticas invadem a rua.

Fonte: Dos autores.



Figura 09: Evento do Dia das Crianças no Vila Flores

Fonte: Dos autores.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exemplo do projeto do Vila Flores, embora ainda seja muito cedo para fazer uma avaliação mais completa, é extremamente positivo nesse processo de recuperação das antigas zonas industriais das grandes cidades. Em um curto período de funcionamento, atraiu olhares do mundo inteiro e seu sucesso se deve



principalmente à criatividade e à boa vontade de seus idealizadores. Em uma sociedade acostumada a grandes empreendimentos, uma intervenção sutil como foi executada nos casarios do bairro Floresta é praticamente um caso isolado na cidade.

Assim, na contramão do vetor imobiliário, o projeto conseguiu contrariar os mais céticos em relação àquela área específica da cidade. E isso não se deve a enormes quantias de dinheiro investidas ali, mas sim a uma intervenção criativa e com o forte conceito da coletividade. A parceria público-privada atuou em sintonia e conseguiu entregar à cidade um centro cultural colaborativo e gerador de negócios que daqui a alguns anos poderá se consolidar como o catalisador para a recuperação de um todo maior.

Ainda há muitas janelas quebradas no Quarto Distrito, porém o modelo de negócio do Vila Flores é possível de ser replicado no próprio bairro e na própria cidade. Há diversas áreas de interesse cultural por toda a capital e a existência de um caso bem-sucedido deixa mais clara a reflexão sobre novas estratégias. Forma-se uma reação em cadeia, a metástase positiva de Bohigas, e isso se reflete diretamente na segurança pública e na vida das pessoas. Quando se tem medo de sair às ruas, é sinal de que os espaços públicos carecem de qualidade e há pouca interação. No estudo de caso analisado, o ambiente urbano é permeável, acolhedor e com intensa atividade social.



Figura 10: Prédio com as janelas quebradas na mesma rua do complexo Vila Flores.

Fonte: Dos autores.

Além disso, e não menos importante, a intervenção nos casarios recuperou a memória perdida do local. É quase como um tributo a Lutzenberger, que antes de se tornar arquiteto, estudou artes plásticas e deixou sua marca também nos desenhos e aquarelas; ou seja, um homem multifuncional e criativo, tal qual a Associação

Cultural Vila Flores.

“Para bem restaurar é necessário amar e entender o monumento, seja estátua, quadro ou edifício, sobre o qual se trabalha, e do mesmo modo para a arte antiga em geral. ” (Camillo Boito).

## REFERÊNCIAS

BOITO, C. **Os restauradores**. São Paulo: Atelier Editorial, 2002.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas Teóricos de Restauro**. São Paulo, Ateliê, 2008.

SIMON, Gilberto. *Bairro Floresta ou bairro do sexo? Um passado glorioso, um futuro degradado*. Disponível em: <<https://portoimagem.wordpress.com/2012/12/27/bairro-floresta-ou-bairro-do-sexo/>>. Acessado em 07/10/2016.

WALLIG, Antonia. SIELSKI, Lucas. *Projeto Vila Flores. Práticas artísticas colaborativas pela revitalização de processos criativos no meio urbano*. ANPAP, 2013. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/06/Antonia%20Wallig%20e%20Lucas%20Sielski.pdf>>. Acessado em 07/10/2016.

WILSON, James Q. KELLING, George L. *The police and neighbourhood safety. Broken Windows*. Disponível em: <[https://www.manhattan-institute.org/pdf/\\_atlantic\\_monthly-broken\\_windows.pdf](https://www.manhattan-institute.org/pdf/_atlantic_monthly-broken_windows.pdf)>. Acessado em 07/10/2016.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arranha-Céu 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12

### B

Baia de Guanabara 26, 34

### C

Cidades 3, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 34, 41, 50, 54, 55, 62, 64, 65, 66, 67, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 88, 89, 92, 103

Condição da Base 1, 3

Conectividade 14, 15, 16, 22, 23, 24, 45

Contemporaneidade 36, 65, 76, 77

Contexto 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 16, 28, 29, 30, 41, 42, 44, 52, 54, 67, 68, 76, 77

Corredores Verdes 14

Criatividade 40, 46, 48, 52, 63

### D

Desenvolvimento Urbano 25, 32, 41, 48, 66, 76, 82, 89, 103

### E

Economia Criativa 40, 47, 50, 51, 58

Espaços Públicos 4, 12, 14, 22, 54, 63, 76

### H

Habitação 5, 30, 47, 48, 65, 66, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90

### I

Inovação Social 40

Intervenção 38, 45, 46, 48, 50, 53, 54, 55, 59, 60, 63, 77, 80

### M

Mercado Imobiliário 30, 37, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78

Minha Casa Minha Vida 65, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 90

### N

NDVI 14, 15, 18, 19, 21, 23

### P

Patrimônio Cultural e Paisagístico 25, 33

Patrimônio Industrial 40, 41, 42, 47, 51, 53

Política Habitacional 66, 67, 76, 78, 79, 81, 82, 84, 88, 89

Práticas Criativas 40, 52

## **R**

Regeneração 14, 54, 55, 62

## **S**

Segregação 5, 6, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 77, 90

Segregação Socioespacial 65, 67, 75, 76, 77

Sensoriamento Remoto 14, 16, 18, 23

Sentido de Chegada 1, 2, 4, 5, 8

Sentido de Lugar 1, 2, 5

## **T**

Teoria das Janelas Quebradas 54, 55, 56

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-615-7

